

Resenha

De baixo para cima



Maurício Silva¹

De baixo para cima (2014)

Eliane Costa e Gabriela Agustini (Orgs.)

Aeroplano

O mapeamento de práticas culturais “alternativas”, isto é, concebidas e realizadas fora do circuito cultural mais “tradicional”, além da discussão de conceitos que se vinculam, direta ou indiretamente, a esse universo, são o tema do livro sugestivamente intitulado *De baixo para cima*, organizado pelas pesquisadoras e agentes culturais Eliane Costa e Gabriela Agustini. Buscando apresentar reflexões e pontos de vista variados no campo dos estudos da cultura, da inovação e da economia criativa, destacando processos criativos, de engajamento e de colaboração e, portanto, invertendo a tradicional relação cultural entre seus agentes (*de cima para baixo*), ao propor uma relação *de baixo para cima*, as organizadoras propõem tratar de experiências que têm por base as ideias de compartilhamento e de construção horizontal do saber, não raras vezes dialogando com a noção de cultura periférica.

Assim, em “Tropicalizando a economia criativa: desafios brasileiros, na perspectiva das políticas culturais” Eliane Costa discute a questão da economia criativa no Brasil, relacionando-a aos “desequilíbrios que marcam a cena do financiamento à cultura no país” (p. 26), uma vez que as leis de incentivo que surgem, a partir da década de 1990, como principal política governamental para o setor cultural resultam num quadro em que o recurso *público* (imposto) é aplicado de acordo com prioridades e escolhas *privadas* (dos patrocinadores). A autora destaca, ainda, o protagonismo cultural de experiências, em geral periféricas, que, apesar de nem sempre figurarem no mapa da economia criativa brasileira, afirmam-se como práticas originais e ousadas dentro de nosso universo cultural.

¹ Possui doutorado e pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculos pela Universidade de São Paulo; é professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação (Capes 5), na Universidade Nove de Julho (São Paulo); atuou como pesquisador da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (2012 a 2013) e como pesquisador-residente da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo (2016-2017); é autor de livros diversos, como *A Hélade e o Subúrbio. Confrontos Literários na Belle Époque Carioca* (São Paulo, Edusp, 2006) e *O Sorriso da Sociedade. Literatura e Academicismo no Brasil da Virada do Século (1890-1920)* (São Paulo, Alameda, 2012).

Já em “As periferias roubam a cena cultural carioca”, Jailson de Souza e Silva faz uma reflexão sobre as manifestações culturais nas periferias cariocas nas últimas décadas, as quais se situam no campo das “referências contra-hegemônicas em relação às práticas e representações que contribuem para a reprodução da desigualdade e opressão da diferença” (p. 56). Pensando a cultura sob dois aspectos distintos (um como processo singular, na dimensão do indivíduo e que valoriza a erudição, e outro como experiências relacionadas a práticas comunitárias populares, vinculadas à realidade cotidiana imediata), o autor lembra que esse segundo tipo é, geralmente, associado à ideia desprestigiada de folclore, de amadorismo, desprovido de qualidade e rigor conceitual. Além disso, tal prática cultural revela-se como própria da periferia, entendida como território do outro, construído como espaço inferior a um suposto centro, vista como algo homogêneo e reducionista, marcado por um paradigma da ausência e uma condição de provisoriade. Por outro lado, trata-se de um espaço marcado também por um discurso de resistência ao centro, que se materializa na crítica de formas culturais dominantes; trata-se de um discurso que se opõe ao discurso central como expressão de identidades estáveis e hierarquizadas. Na verdade, lembra o autor, a periferia constitui-se numa realidade muito mais complexa, plural e densa do que se imagina, superando a visão estereotipada que dela se costuma ter, já que dotada de novas práticas culturais, pautadas principalmente nos *múltiplos coletivos*.

Em “a economia híbrida do século XXI”, Ricardo Abramovay trata da *economia colaborativa*, marcada por uma lógica que “horizontaliza as relações humanas, descentraliza os instrumentos de produção e troca, abre caminhos para laços de cooperação direta entre indivíduos e empresas e contesta o uso indiscriminado dos direitos autorais como base da inovação” (p. 105). Inspirando-se nos movimentos sociais, afastando-se de regimes econômicos concentrados e centralmente planejados, a economia colaborativa incentiva uma espécie de contrarreação às grandes corporações capitalistas (ainda que, atualmente, haja um monopólio das corporações globais ligadas ao mundo digital), interferindo diretamente no mundo dos negócios e da economia e instaurando novos princípios de uma economia digital: “a economia digital contemporânea transforma o que se entende por valor, contesta os parâmetros a partir dos quais a riqueza é medida e dá lugar àquilo que tem sido chamado de forma cada vez mais frequente de *economia híbrida*” (p. 108). Apoiada na “mistura entre colaboração social e economia privada” (p. 109), a economia híbrida pressupõe um sistema descentralizado, em que prevalece a “colaboração social em rede” (p. 121).

A economia criativa é também tema do artigo “O desafio de uma política de economia criativa aberta e em rede”, de Georgia

Haddad Nicolau, que a discute com ênfase nas políticas públicas dos últimos anos, em especial a partir do impacto causado pela criação, no governo Dilma, da Secretaria de Economia Criativa. Reconhecendo que o próprio conceito de economia criativa ainda carece de melhor determinação, a autora lembra que, de qualquer maneira, trata-se de uma ideia que trabalha na intersecção entre cultura, capital e democracia, acreditando, contudo, que ela deva levar em consideração a diversidade cultural, buscando o desenvolvimento social, econômico e cultural: “uma Economia Criativa possível para o Brasil seria aquela que conseguisse promover economicamente as tecnologias sociais e a diversidade cultural e territorial do país” (p. 240).

Há, ainda, outras experiências diretamente relacionadas à ideia de uma prática cultural que se dá *de baixo para cima*, como aquelas que ocorrem em espaços populares do Rio de Janeiro (seja o espaço de cinema Ponto Cine ou o bloco carnavalesco Escravos da Mauá) ou como atividades que resultam do uso coletivo e colaborativo da internet (como aquelas narradas por Yasmin Thayná e Gabriela Augustini).

Pelas abordagens inovadoras que os artigos apresentam, *De baixo para cima* é um livro que merece ser conhecido por todos aqueles que compreendem a cultura mais do que uma atividade vinculada a um modo de pensar homogêneo e hegemônico, como uma prática visceralmente ligada à pluralidade e à democracia, no sentido da ideia de *cidadania cultural* proposta por Marilena Chauí (2008)

Referências

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. *In: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*, Buenos Aires: Clacso, Ano 1, n. 1, p. 53-76, jun. 2008.

COSTA, Eliane e AGUSTINI, Gabriela (Orgs.). *De baixo para cima*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.